

RUTH MACK
BRUNSWICK

ESCRITOS REUNIDOS

COLEÇÃO HISTÓRIAS DA PSICANÁLISE

RUTH MACK
BRUNSWICK

ESCRITOS REUNIDOS

Tradução *Virginia Helena Ferreira da Costa*

Prefácio *Renata Udler Cromberg*

Organização e posfácio *Alexandre Socha*



SUMÁRIO

Prefácio	
<i>Renata Udler Cromberg</i>	11
1. Um suplemento à <i>História de uma neurose infantil</i> , de Freud (1928)	31
2. Uma nota sobre a teoria infantil do <i>coitus a tergo</i> (1929)	93
3. Análise de um caso de paranoia (delírio de ciúme) (1929)	97
4. A fase pré-ediariana do desenvolvimento da libido (1940)	167
5. A mentira aceita (1943)	199
6. Um sonho de um romance japonês do século 11 (1927)	207
Anexo	
Discussão sobre “Um suplemento à <i>História de uma neurose infantil</i> , de Freud” (1930-31)	211
Posfácio	
<i>Alexandre Socha</i>	229
Origem dos textos	255
Bibliografia	257



PÁGINA ANTERIOR: RUTH MACK BRUNSWICK COM SUA FILHA MATHILDE.
FOTO DE 1930 (CRÉDITOS: © FREUD MUSEUM LONDON)

PREFÁCIO

A INVENTIVIDADE CLÍNICA DE RUTH MACK BRUNSWICK

Renata Udler Cromberg

O nome de Ruth Mack Brunswick (1897-1946) costuma ser vagamente lembrado entre psicanalistas em razão de seu famoso artigo publicado sobre a análise de Sergei Konstantinovitch Pankejeff (1887-1979), entre 1926 e 1927. Entre janeiro de 1910 e junho de 1914 ele havia sido paciente de Sigmund Freud, que escreveu o relato do seu caso em apenas dois meses, no final de 1914. Freud jamais utilizou a expressão “Homem dos Lobos”, mas Pankejeff foi assim apelidado por conta de um sonho que relatou nessa análise, publicada com o título de *História de uma neurose infantil*,¹ em 1918. O terceiro e último grande tratamento conduzido e escrito por Freud, foi inclusive a mais longa análise até então conduzida por ele. Entre novembro de 1919 e fevereiro de 1920, Freud retomou uma nova etapa de sua análise, mas em 1926, quando Pankejeff voltou a procurá-lo, encaminhou-o a Ruth Mack Brunswick. A primeira análise foi realizada quando Pankejeff era um milionário aristocrata russo, herdeiro de uma vultosa herança do pai. Já na segunda análise, com Freud, e na terceira, com Ruth Mack Brunswick, Pankejeff era um emigrante empobrecido e sem recursos, sobrevivente da Revolução Russa e que fora a Viena

1 FREUD, S. História de uma neurose infantil. In: *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010[1918/1914], v. 14.

reencontrar a esposa após o falecimento da filha do casal. Segundo Freud, essa “pós-análise” (1919-1920) serviu para liquidar um resto de transferência não analisado e finalmente curar o paciente. Na realidade, os sintomas apresentados eram os mesmos, agravados até, em decorrência da situação financeira precária. Quanto a esse aspecto, Freud o ajudou, ao coletar dinheiro para ele no círculo de seus discípulos vienenses durante seis anos. Foi então que Sergej Pankejeff começou a se identificar com a história de seu caso e a se tomar realmente pelo caso descrito por Freud. Em 1926, afetado pelos mesmos sintomas, foi consultar Freud, que se recusou a tratá-lo novamente e o encaminhou a Ruth Mack Brunswick, que, pela primeira vez, atribuiu ao paciente o nome que passaria desde então a designá-lo: o Homem dos Lobos. Ela o diagnosticou como um caso de paranoia hipocondríaca e analisou sobretudo os restos transferenciais da análise com Freud.

Paul Roazen, ao realizar entrevistas nos anos 1960 com os pacientes de Freud – material que serviu de base para livros como *Freud e seus discípulos* e *Como Freud trabalhava*² –, deparou com o tamanho da importância de Ruth Mack Brunswick para a psicanálise. A história era, no mínimo, surpreendente: como uma das psicanalistas mais lembrada pelos seus contemporâneos e mais reconhecida pelas suas qualidades clínicas e teóricas havia subitamente desaparecido do mapa psicanalítico e se transformado em mera nota de rodapé de um caso emblemático freudiano? Seu nome não costuma ser mencionado na maioria das biografias canônicas de Sigmund Freud, ou, quando muito, o é apenas de passagem. Seu falecimento também não chegou a receber um

2 ROAZEN, P. *Freud e seus discípulos*. São Paulo: Cultrix, 1978; ROAZEN, P. *Como Freud trabalhava*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

obituário no *International Journal of Psychoanalysis*, habitual para alguém de sua relevância. E, não fosse o belíssimo necrológi publicado no *Psychoanalytical Quaterly* por Hermann Nürnberg, seu analista à época nos Estados Unidos, praticamente não haveria registros oficiais de seu falecimento no meio psicanalítico. Parecia, enfim, um verdadeiro apagamento daquela que foi considerada, com unanimidade entre os entrevistados por Roazen, a “preferida” de Freud por mais de uma década.

Eu mesma só descobri Ruth Mack Brunswick ao escrever sobre a paranoia no ano 2000.³ Era uma cópia xerografada, em castelhano, de uma publicação em coletânea ignorada, onde percebi sua importância no trabalho de Serge Leclair “A propósito do episódio psicótico apresentado pelo ‘Homem dos Lobos’”,⁴ de 1958. O diagnóstico de paranoia de tipo hipocondríaco surge do agudo, penetrante e admirável relato da análise de Pankejeff feita por Brunswick em “Um suplemento à *História de uma neurose infantil*, de Freud” (1928), sem dúvida seu artigo mais conhecido. Leclair faz uma análise dos pontos de contato entre a análise de Freud e a de Brunswick para discutir especialmente dois mecanismos psíquicos na produção da paranoia: a identificação com a mãe e a *Verwefung* (rejeição) como mecanismo de defesa diferente da *Verdrängung* (recalque).

O que constatamos na leitura dos três principais trabalhos de Brunswick (capítulos 1, 3 e 4) é que a autora foi uma das pioneiras a tratar de sobre casos de psicose e a escrever sobre eles, assim como a pensar em conceitos psicanalíticos que pudessem

3 CROMBERG, R. U. *Paranoia*. Belo Horizonte: Artesã, 2022.

4 LECLAIRE, S. A propósito do episódio psicótico apresentado pelo “Homem dos Lobos” (1958). In: *Psicose: uma leitura psicanalítica*. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

auxiliar na compreensão desse complexo sofrimento, ainda que tal interesse estivesse presente em muitos dos psicanalistas escritores da década de 1920. Ela os escreveu em estreita colaboração com Freud, que chegava a incluir notas e sugestões aos seus esboços.

A proximidade e a afinidade entre o pensamento clínico e teórico de Brunswick e Freud resultaram na elaboração do conceito de fase pré-ediapiana. Esse conceito foi utilizado pela primeira vez por ela em 1929, no artigo “Análise de um caso de paranoia (delírio de ciúmes)”, posteriormente também empregado por Freud em “Sobre a sexualidade feminina”, de 1931. Brunswick esboçou inicialmente suas teorias sobre uma fase de desenvolvimento que precedia o complexo de Édipo em um trabalho sem título escrito em 1930. Elas foram retomadas e por fim publicadas em 1940 no artigo “A fase pré-ediapiana de desenvolvimento da libido”. Nesse artigo, Brunswick afirma com muito delicadeza sua antecedência na elaboração do conceito, provavelmente para não ferir a suscetibilidade de Freud: “Até onde sei, o termo ‘pré-ediapiano’ foi empregado pela primeira vez por Freud em 1931 na obra citada e por esta autora em ‘The Analysis of a Case of Paranoia’, publicado em *The Journal of Nervous and Mental Disease*” (p. 168). Apenas as datas da publicação apontam a antecedência. Ela deveria estar muito alerta a respeito da cisão entre Freud e Rank por causa da formulação deste em 1924 de que havia fatores etiológicos da doença psíquica que não estavam relacionados com o complexo de Édipo. Também, junto a Freud ela tinha reservas em relação ao pensamento kleiniano, a quem se atribui erroneamente a prioridade na elaboração desse conceito.

Os três artigos de Brunswick mencionados trançam-se entre si e com os artigos de Freud sobre a sexualidade feminina e sobre a feminilidade para trazer à tona a existência da fase pré-ediapiana

da sexualidade infantil, com toda sua reverberação nos fenômenos clínicos não neuróticos. Em uma atualização de 1945 na republicação do artigo “Um suplemento à *História de uma neurose infantil*, de Freud”, ela afirma: “A análise do Homem dos Lobos ocupou os cinco meses de outubro de 1926 a fevereiro de 1927. Depois dela, ele permaneceu bem” (p. 31). Mas foi depois de cerca de dois anos que ele voltou para a retomada de uma análise “tão gratificante para mim quanto para ele. Não havia vestígios de psicose ou de tendências paranoicas. Distúrbios de potência de caráter estritamente neurótico ocorreram no curso de uma relação amorosa repentina, violenta e repetitiva. Desta vez, a análise, estendendo-se de forma um pouco irregular por um período de vários anos, revelou novos materiais e memórias importantes, até então esquecidas, todas relacionadas ao complicado apego entre a menina pré-esquizofrênica (a irmã) e seu irmão mais novo. Os resultados terapêuticos foram excelentes e assim permaneceram, segundo minhas últimas informações em 1940, apesar de grandes crises pessoais decorrentes, apenas em baixa medida, dos acontecimentos mundiais.” (idem).

Já em “Análise de um caso de paranoia (delírio de ciúme)”, ela escreve introdutoriamente que “a paciente cuja história se segue me foi encaminhada após exame psiquiátrico com o diagnóstico de paranoia do tipo ciúme delirante. É minha intenção descrever o caso clínica e analiticamente e depois, à medida que prosseguimos com o curso da análise, considerar os problemas teóricos dela decorrentes, bem como os questionamentos diagnósticos e prognósticos sobre os quais, por ora, peço que o leitor suspenda o julgamento” (p. 97). Mais para o final do artigo, ela declara: “Aceitei essa paciente para análise porque, acompanhando a análise de um paranoico masculino, eu queria observar os mecanismos na mulher. Foi muito por acaso que esse caso se revelou tanto atípico

quanto, conseqüentemente, favorável” (p. 158). Vemos aí a trança entre os dois atendimentos de um homem e de uma mulher que foram importantes para a compreensão dos mecanismos da psicose paranoica.

Em “A fase pré-edipiana do desenvolvimento da libido”, de 1940, Brunswick remete à colaboração estreita com Freud em uma primeira versão do trabalho no verão de 1930, a partir do caso de ciúme delirante analisado e publicado em 1929, onde detectou a importância de um período até então desconhecido, anterior ao complexo de Édipo, que denominou pré-edipiano.

Logo no início ela relaciona seu trabalho com o de Freud. Se este postulou a etiologia das neuroses na fixação ao objeto de amor edipiano, ela aponta que, em seu trabalho sobre a sexualidade feminina de 1931, ele atribuiu grande importância ao período pré-edipiano na formação da doença neurótica. Aqui se verifica, portanto, a trança dos seus três trabalhos com o de Freud, que a cita na conferência “A feminilidade” (1933) e em “Sobre a sexualidade feminina” (1931).

Além desses três textos principais de Ruth Mack Brunswick, o livro contém outro artigo relacionado à problemática trazida pelo Homem dos Lobos na análise com Freud que é estendida a todas as crianças. “Uma nota sobre a teoria infantil do *coitus a tergo*”, artigo publicado no *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse* e no *Internationale Journal of Psychoanalysis* em 1929, refere-se ao texto de Freud logo na primeira nota:

Sem dúvida, nas famílias dos neuróticos-compulsivos, de forte constituição anal, o *coitus a tergo* é uma prática comum. Devemos nos lembrar, com base na “História de uma neurose infantil” de Freud, de que o Homem dos Lobos viu um coito dessa natureza entre seus pais. Em parte, essa observação inicial e, em

parte, a natureza predominantemente anal do próprio paciente resultaram em fazer dessa sua forma usual de relação sexual. De fato, ele praticava regularmente não apenas o *coitus a tergo*, mas também o sexo anal. Menciono esses fatos para mostrar que o *coitus a tergo* certamente não é uma fantasia exclusiva da parte da criança. (p. 93)

O pequeno e condensado artigo trabalha sobre a seguinte pergunta: quando um paciente, lembrando ou reconstruindo a cena primária, descreve os pais em um *coitus a tergo*, está lidando com fantasia ou observação real, ou com uma combinação dos dois, uma falsificação de fatos realmente observados pela sobreposição da fantasia? Segundo Brunswick, terapeuticamente a questão é de pouca importância, já que, em seus resultados, pouca diferença é notada entre fato e fantasia. No entanto, “a cena primária e suas consequências formam uma pedra angular da estrutura psíquica da infância e, como tal, devem ser conhecidas por nós em todos os detalhes.” Em seguida, ela apresenta o caso clínico de um homem.

Podemos dizer, então, que Ruth Mack Brunswick foi pioneira no tratamento psicanalítico das psicoses e no estudo do desenvolvimento emocional de crianças pequenas e suas mães, em que se destaca a importância dessa relação na origem da doença mental.

Há ainda um artigo de 1943, “A mentira aceita,” que é um fascinante estudo clínico de um paciente homem em que se examinam minuciosamente os diferentes ângulos da afirmação de que a escolha pela falsidade seria um traço feminino comum e normal. Ela acaba trabalhando a inter-relação entre o complexo de castração do menino e da menina. Segundo Brunswick, o garoto tentará escapar da realidade da castração feminina, primeiro por sua negação completa [*denial*] e, em seguida, “por sua distribuição específica ou parcial, conforme ilustrado pela fantasia de que

todo adulto tem um pênis e apenas algumas crianças não o têm. O homem adulto não pode, entretanto, manter essa negação sem grande detrimento de sua saúde psíquica. Seus vestígios podem ser encontrados em todas as neuroses; e atingem seu ápice nas psicoses e perversões, como no fetichismo” (p. 202). Para ela, a ideia masculina tradicional a respeito das mulheres é de que elas não apresentam uma sexualidade autêntica, além de nenhuma necessidade e nenhum desejo de relações sexuais. “É como se toda a sexualidade, sendo atribuída ao falo, fosse, como resultado do reconhecimento da ausência desse falo a partir de uma lógica inconsciente e restrita, negada às mulheres” (p. 206). Assim, também a simulação do orgasmo feminino tão frequente, uma mentira aceita, portanto, é essencialmente uma declaração daquela sexualidade fálica que as mulheres não possuem. E isso constitui uma segurança para ambos, homens e mulheres.

O livro contém o primeiro artigo publicado por Brunswick, em 1927, no *International Journal of Psychoanalysis* e, em 1928, na *Imago*. “Um sonho de um romance japonês do século 11” é muito breve e foi escrito pouco antes de ela ser admitida na Sociedade Psicanalítica de Viena e na Sociedade Psicanalítica de Nova York. Nesse texto, enfatiza-se quanto as descobertas científicas da psicanálise se unem às percepções de certos poetas no que se refere à constituição psíquica polimórfica e sua conflitualidade.

Finalmente, o livro traz uma discussão clínica preciosa e exemplar publicada no *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse* em 1930, entre Jenő Hárnik e Ruth Mack Brunswick. De início, Hárnik publica sua “Crítica a ‘Um suplemento à *História de uma neurose infantil*, de Freud”, com a pretensão de acrescentar breves observações a “um dos mais substanciais e, ao mesmo tempo, um dos mais notáveis entre todos os artigos publicados por alunos de Freud nos últimos anos” (p. 211). Para ele, a virada favorável na

análise deve ser atribuída ao fato de que, durante a interpretação de um sonho no qual apareceram os lobos em questão, emergiu na memória do paciente uma nova lembrança infantil, até então desconhecida, uma descoberta muito importante. Hárník cita Brunswick: “Os olhos brilhantes dos lobos agora lembram ao paciente que, por algum tempo após o sonho, aos 4 anos, ele não suportava ser olhado fixamente. Ele ficava furioso e gritava: ‘Por que você me encara desse jeito?’” (p. 67). A lembrança não aparece na descrição de Freud, e Hárník o consultou para reassegurar-se de que o fato novo lhe era completamente desconhecido. Assim, não seria verdadeira a afirmação de Brunswick de que nenhum material infantil novo foi acrescentado à sua análise.

Ainda em 1930, Ruth Mack Brunswick respondeu às observações críticas de Hárník, argumentado estar correta a suposição de que o medo do Homem dos Lobos de “ser olhado”, que surge após a observação do coito parental, não consta na análise do professor Freud. No entanto, ela não concordou com a avaliação de Hárník sobre o significado dessa lembrança: “Tanto o paciente, cuja capacidade de observação era particularmente boa, como eu, consideramos essa lembrança mero suplemento à grande massa de material centrada em torno da observação do coito” (p. 219). A posição ética de Brunswick é notável: ela não perde de vista o material clínico em favor de especulações teóricas.

Hárník publicou uma réplica na mesma revista em 1931, ligando a descoberta do “ser olhado” ao onanismo infantil e à oralidade, propondo que toda a doença paranoica do paciente parecia ter surgido de preocupações alimentares. Em seu comentário final de 1931, Ruth Mack Brunswick admite prontamente que as causas da doença paranoica do Homem dos Lobos, bem como da neurose anterior, não podem ser explicadas exclusivamente pela cena originária. Para ela, os distúrbios graves da fase oral podem muitas

vezes ser a base para o posterior complexo de Édipo negativo, mas, naquele caso, a análise em si não teria fornecido nenhum material adicional.

UMA NOTA BIOGRÁFICA SOBRE RUTH MACK BRUNSWICK

Ruth Jane Mack nasceu em Chicago, em 17 de fevereiro de 1897, filha única de um rico casal da burguesia judaica, o pai um brilhante jurista e filantropo conhecido, Julian William Mack (1866-1943), com quem ela tinha um relacionamento caótico em razão da rigidez dele. Não se conhece nada do relacionamento com sua mãe, Jessie Fox (1876-1938). Ruth cedo se tornou versada em literatura, música e artes, de uma maneira pouco usual. Em 1918, graduou-se no Radcliffe College em Cambridge, Massachusetts, sob a tutela de Elmer Ernest Southard, uma eminência de Harvard que a introduziu no mundo da psicologia. Casou-se muito jovem, no mesmo ano, com o cardiologista Hermann Ludwig Blumgart (1895-1977). Rejeitada em Harvard por ser mulher, estudou medicina na Tufts University, em Medford, Massachusetts, especializando-se em psiquiatria. Em 1922, aos 25 anos, mudou-se sozinha para Viena para começar sua análise com Freud, com a intenção de curar-se de uma grave hipocondria. Ela foi indicada por seu cunhado, Leonard Blumgart (1902-1971), psicanalista em Nova York que havia realizado uma análise com Freud anos antes. Nessa época, Freud analisava muitos norte-americanos, que às vezes permaneciam vários anos na capital austríaca para se tratar ou se tornarem psicanalistas. Como a estada de Ruth em Viena se prolongava, Hermann visitou Freud para tentar salvar seu casamento, considerado sem esperanças por este último. Hermann retornou sozinho para os Estados Unidos e o divórcio com Ruth se efetivou em 1924.

Foi nessas circunstâncias que Ruth Mack encontrou Mark Brunswick, um compositor norte-americano ⁵ apaixonado por ela desde que assistira ao seu casamento com Hermann, primo-irmão de sua mãe. Já separada do marido, Ruth ficou encantada com o jovem, cinco anos mais novo. No entanto, como ele sofria de distúrbios da personalidade, Ruth convenceu Freud a assumi-lo em análise. Pouco tempo depois, o irmão de Mark, David Brunswick, estudante de psicologia, também iniciou sua análise com Freud (entre 1927 e 1930), tornando-se posteriormente psicanalista em Los Angeles. Durante um período, portanto, tanto Ruth Mack como Mark e David Brunswick compartilharam o divã de Freud. Este discutia e explicava o caso de Mark com Ruth, como se faz em uma supervisão. Mark tinha um caso com uma jovem, mas finalmente, em 1928, depois de quatro anos de tratamento, decidiu casar-se com Ruth. Oscar Rie e o próprio Freud foram escolhidos como testemunhas. ⁶ “Laços complicados ligavam esse grupo de americanos: nos últimos anos do juiz Mack, pai de Ruth, a mãe de Mark Brunswick casou-se com ele.”⁷

É interessante observar que, em 1925, a Associação Psicanalítica Internacional (IPA) havia estipulado regras fundamentais para uma análise poder acontecer: a proibição de analisar membros da própria família e membros de uma mesma família e a obrigatoriedade da análise anterior ao processo de se tornar analista. Parece que em torno de Freud, ao menos no que se refere a Ruth Mack Brunswick, essas regras foram ignoradas. Ela analisou o casal

5 Mark Brunswick acabou por tornar-se professor de música e chefe de seu departamento no City College de Nova York, de 1945 a 1965.

6 Vale ressaltar que a presença de Freud em eventos desse tipo era algo muito raro; inclusive, ele não participou da festa de casamento dos próprios filhos.

7 ROAZEN, P. *Freud e seus discípulos*. São Paulo: Cultrix, 1978[1971], p.469.

Schur, Freud analisou o casal Brunswick, embora lamentasse o fato de ter discutido o caso de Mark com ela, o que achava que tinha atrapalhado o casamento e a saúde mental dos dois. Paul Roazen refere-se jocosamente a essa situação, apesar das regras da IPA, por meio da expressão “Na casa do rabino pode”⁸

Ruth Mack Brunswick começou sua prática analítica em Viena em 1925, mas se tornou membro da Sociedade Psicanalítica daquela cidade apenas em 1928. Ela desempenhou um papel importante como mediadora entre os psicanalistas norte-americanos e o círculo de Freud. De modo geral, era quem cuidava dos pacientes americanos psicanalisados em Viena.

Ruth era charmosa, inteligente, feminina e vivaz.⁹ Tornou-se uma das discípulas mais fervorosas de Freud e, ao lado de Marie Bonaparte e Jeanne Lampl-de Groot e outras, pertencia ao “círculo das mulheres” que estava em torno dele na década de 1920. Mas, mesmo dentro desse círculo, Ruth, como a colaboradora favorita de Freud, era privilegiada no acesso às pesquisas dele. Foi uma das poucas mulheres que receberam o cobiçado anel de Freud, inicialmente concedido apenas ao Comitê Secreto. Ambos eram inseparáveis e, segundo Roazen, a inteligência e a coragem de assumir riscos de Ruth iluminaram a década e meia final da velhice de Freud.

Ela entrou na intimidade familiar do mestre e viu-se finalmente sob sua tutela, como uma filha, como sua filha Anna Freud, que, aliás, expressava descontentamento e ciúmes com essa situação. Por anos, rumores de sua feroz rivalidade correram nos círculos

8 Ibid., p.466.

9 JAMES, T.; WILSON, J.; BOYER, P. *Notable American Women 1607-1950: a Bibliographical Dictionary*. London: Oxford University Press, 1971.

psicanalíticos, culminando com a indicação de Sergei Pankejeff a Brunswick, paciente que Anna Freud estaria esperando ser a ela indicado pelo pai. A publicação do artigo sobre essa análise, “Um suplemento à *História de uma neurose infantil*, de Freud”, coincidiu com o ano do seu casamento com Mark. Logo depois, os Brunswicks voltaram por um ano aos Estados Unidos em 1929, onde nasceu a única filha do casal, Mathilde Juliana Brunswick. Seu nome era uma homenagem a Mathilde Hollister, filha de Freud e amiga íntima de ambos. Freud amava muito essa criança.

Ao voltar, ambos retomaram seus tratamentos com Freud. Os sintomas de Mark pioravam e os de Ruth também. Sofrendo de distúrbios digestivos, ela tomou o hábito de acalmar a dor com repetidas injeções de morfina e opiáceos. À medida que sua análise avançava, a dependência transferencial em relação a Freud aumentava, assim como a toxicomania. Mark Brunswick teve muitas oportunidades para observar Freud em seu ambiente íntimo, pois o casal fazia muitas visitas à família. Mark considerou mais tarde, em sua entrevista a Roazen, que esses contatos pessoais haviam sido benéficos, mas haviam também reforçado certos traços patológicos.

Ruth se tornara uma verdadeira freudiana, especializada no tratamento das psicoses e apaixonada pela questão das relações pré-edípicas. Freud via nela uma habilidade psicológica natural e um talento intuitivo para descobrir o inconsciente. Tinha a capacidade intelectual de integrar suas descobertas à estrutura freudiana. Ele a apoiava, enviando-lhe muitos pacientes entre seus próximos: Max Schur e sua mulher Helen em 1924; Robert Fliess, o único dos cinco filhos de Wilhelm Fliess que se tornou psicanalista e psiquiatra; Karl Menninger, que viria a ser uma eminência da psiquiatria e da psicanálise norte-americanas; Muriel Gardiner, psicanalista norte-americana; e Sergei Konstantinovitch Pankejeff



RUTH MACK BRUNSWICK, COM SUA FILHA MATHILDE, E SIGMUND FREUD, 3 DE ABRIL DE 1932 [DATA REGISTRADA NO VERSO] (CRÉDITO: © FREUD MUSEUM LONDON)

(o Homem dos Lobos) a partir de 1926. Curiosamente, Ruth analisou Muriel Gardiner ao mesmo tempo que Sergei Pankejeff. Eles se encontravam no consultório de Ruth e ele deu a Gardiner aulas de russo. Simpatizando com Pankejeff, Gardiner o ajudou financeiramente e fez com que redigisse suas memórias, que foram traduzidas no mundo inteiro. Encontram-se também nesse volume os textos de Freud e da própria Brunswick sobre esse caso, e ela acrescentou o próprio depoimento¹⁰. Muriel Gardiner foi uma grande ativista da resistência na Segunda Guerra Mundial, empregou sua fortuna para salvar milhares de judeus e foi uma conhecida benemérita de causas psicanalíticas.

Durante certo período, Ruth Mack Brunswick foi também médica de Freud, já doente havia vários anos, função dividida com Max Schur, que se tornaria seu médico pessoal. Vale observar que ela ainda se encontrava em análise com Freud e que Schur, por sua vez, analisando de Ruth, acabou cumprindo a função dos cuidados médicos de sua analista.

Decepcionado com sua incapacidade de curar a discípula querida, Freud continuava, todavia, a mantê-la sob sua dependência, manifestando ao mesmo tempo, sentimentos positivos pela sua independência de pensamento (o que fazia dela uma interlocutora favorita no plano científico) e sentimentos negativos em relação à sua adição. Freud continuou também a análise do marido de Ruth. Em 1937, depois de anos de dramas e conflitos decorrentes dessa confusão inverossímil, ela divorciou-se de Mark Brunswick, mas casou-se novamente com ele seis meses mais tarde, opondo-se à opinião de Freud, que era a favor da separação. Também em 1937,

10 GARDINER, M. *The Wolf-Man and Sigmund Freud*. London: Hogarth Press, 1972.